

<http://doi.org/10.47369/eidea-23-1-3807>

Recebido em: 15/03/2023

Aprovado em: 22/05/2023



A argumentação nos estudos da linguagem

Entrevista com Marianne Doury

Entrevistada:

Marianne Doury

Universidade Paris Cité, França

Entrevistadora:

Helcira Lima

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Tradução: **Helcira Lima**

Nas últimas décadas, os estudos sobre argumentação se desenvolveram consideravelmente e têm se firmado como um campo interdisciplinar, no entrecruzamento das fronteiras entre ciências da linguagem e ciências humanas. Isto faz com que a argumentação reúna uma grande quantidade de pesquisas que se distinguem tanto do ponto de vista dos objetos visados quanto dos quadros teóricos nos quais eles se enquadram. Essa diversidade de posições nos leva a nos questionarmos explicita e profundamente sobre o papel do pesquisador no campo da argumentação, assim como sobre sua maneira de lidar com o assunto. Como definir a argumentação? Qual o lugar da argumentação nos estudos da linguagem? Quais são os respectivos interesses das diferentes formas de argumentação? Qual a importância de compreender e identificar os argumentos? Qual a importância dos estudos argumentativos? Essas e outras questões perpassam a obra da professora Marianne Doury e, com esta entrevista, pretendemos lançar mais luzes sobre esse debate, além de chamar a atenção para outras questões concernentes à pesquisa a respeito do assunto. Pretendemos, finalmente, sublinhar a importância do trabalho da autora, uma vez que este reafirma a importância dos estudos sobre argumentação nas ciências da linguagem e no ensino.

Apresentação

Marianne Doury é professora da Universidade *Paris Cité* e vinculada ao Laboratório EDA (Educação, Discurso, Aprendizagem). Seu campo de pesquisa é o estudo da argumentação a partir de uma perspectiva linguageira. Sua abordagem da argumentação dirige-se em particular à prática empírica da argumentação, tanto nas conversas quotidianas quanto nos contextos mais formais (debates na televisão, mensagens na Internet, editoriais de jornais, cartas dos leitores...). Embora seu quadro teórico e metodológico não seja normativo, a pesquisadora explica como falantes comuns recorrem às normas argumentativas para atingir objetivos retóricos locais (principalmente, apresentar a argumentação do oponente como inaceitável/sua própria argumentação como aceitável por esses padrões).

Marianne Doury publicou diversos artigos em revistas acadêmicas nacionais e internacionais. Seu manual “*Argumentation, analyser textes et discours*”, publicado em 2016, pela editora Armand Colin, foi republicado e ampliado em 2021.

A pesquisadora recebeu o prêmio *ISSA Distinguished Research Award* em julho de 2018, na 9ª conferência da ISSA sobre argumentação em Amsterdã (*International Society for the Study of Argumentation* - Sociedade Internacional para o Estudo da Argumentação).

Entrevista

Helcira Lima: Em primeiro lugar, obrigada por conceder esta entrevista. Fico muito feliz em poder falar sobre suas pesquisas a respeito da argumentação, conhecer mais e fazer conhecer seu trabalho. A meu ver, a reflexão sobre argumentação é cada vez mais importante e sua pesquisa é uma referência para os estudos sobre o assunto na França e, também, na América do Sul. Você poderia falar um pouco sobre seu percurso acadêmico? Em sua trajetória, qual é a importância de seu trabalho no *Ateliê de Argumentação* no CNRS (Centre National de Recherche Scientifique)?

Marianne Doury: Os caminhos acadêmicos geralmente são determinados em grande parte por acasos da vida. No que me diz respeito, eu nasci em Lyon, tenho família lá, fiz universidade lá e tive muita sorte de chegar à Universidade de Lyon 2 nos melhores dias da formação e da pesquisa em Ciências da Linguagem (Grupo de Pesquisa sobre Interações Comunicativas, agora ICAR). Fui formada por grandes nomes da área, como Catherine Kerbrat-Orecchioni para análise de interações, Christian Plantin para argumentação, que foram fundamentais para minha formação científica; mas também Michel Le Guern em retórica, Pierre Dupont em lógica, Sylvianne Rémi-Giraud sobre o léxico, Gilbert Puech em fonologia... Eu cedi a uma pequena tentação do processamento automático na linguagem (consagrei um primeiro memorial de Master 2 (DEA na época) nessa área), depois fui reorientada à argumentação. A partir desse momento, Christian Plantin acompanhou minha pesquisa até o final do meu doutorado.

Eu tive a grande sorte de conseguir uma vaga como pesquisadora do CNRS/GRIC (*Groupe de Recherches sur les Interactions Communicatives*) logo após defender minha tese. Após três anos no GRIC, fui acolhida por três anos no CEDISCOR (*Centre de Recherche sur les Discours Ordinaires et Spécialisés*), grupo de pesquisa da Universidade de Paris 3 – Sorbonne Nouvelle –, fundado e, então, dirigido por Sophie Moirand. Essa trajetória científica me levou a estar ainda mais atenta às formas languageiras da argumentação e a articular de maneira mais estreita análise da argumentação e análise do discurso. Depois, trabalhei em vários laboratórios de pesquisa do CNRS – incluindo o *Laboratório Comunicação e Política*, por quinze anos. Em 2018, eu desejei dedicar mais tempo à formação de estudantes em argumentação, e fui integrada, como professora, na equipe de docentes-investigadores do Departamento de Ciências da Linguagem da Universidade de Paris Cité – *Campus Saint Germain*.

Helcira Lima: Você poderia falar um pouco sobre sua experiência no ateliê de argumentação?

Marianne Doury: Eu criei o *Atelier de argumentação* quando estava no *Laboratório de Comunicação e Política*. A ideia partiu da constatação de um isolamento muito grande dos pesquisadores em argumentação na França, inclusive eu. Não conseguia encontrar um ponto de encontro regular que me permitisse dialogar com pessoas que compartilhassem meu interesse pela argumentação. Além disso, decidi propor reuniões, em um ritmo razoável (a cada seis semanas, até a cada dois meses). A ideia era passar duas ou três horas ouvindo pessoas que trabalham com argumentação falarem sobre seus trabalhos e dedicar pelo menos um tempo tanto à discussão quanto à própria apresentação das pesquisas. Sempre que possível, tentei trazer um pesquisador já estabelecido (sênior) e um jovem pesquisador (muitas vezes estudantes de doutorado) ao mesmo tempo.

Não sabia se a fórmula proposta interessaria aos participantes – sabemos das agendas sobrecarregadas de uns e de outros no nosso meio, e não é nada fácil encontrar algumas horas para participar desse tipo de evento. Todavia, em realidade, o ateliê superou todas as minhas expectativas: ele reuniu regularmente um número suficiente de pessoas para dar sentido às discussões, e ainda teve seus aficionados, presentes em quase todas as sessões.

E, para minha grande surpresa, vieram colegas das cidades do interior da França, até do exterior, tanto como palestrantes quanto como simples auditório. São conferencistas do ateliê (por ordem alfabética): Ruth Amossy (Universidade de Tel Aviv), Marc Angenot (Mc Gill University), Denis Apothéoz (Universidade Nancy 2), Vahram Atayan (Universidade de Saarlandes), Michael Baker (CNRS), Philippe Breton (CNRS), Sylvie Bruxelles (CNRS – Universidade Lyon 2), Claude Chabrol & Miruna Radu (Universidade Paris 3), Patrick Charaudeau (Universidade Paris 13), Francis Chateauraynaud (EHESS-GSPR), Kenza Cherkaoui-Messin (Universidade Paris 3), Hugues Constantin de Chanay (Universidade Lyon 2), Emmanuelle Danblon (Universidade de Bruxelas), J.-L. Dessalles (ENST), Joseph Dichy (Universidade Lyon 2), Ekkehard Eggs (Universidade de Hanover), Geneviève Felten (Universidade Paris 3), Bart Garssen (Universidade de Amsterdã), Anca Gata (Universidade de Galati), Jean-Claude Guerrini (Universidade Lyon 2), Thierry Herman (Universidade de Lausanne), Jérôme Jacquin (Universidade de Lausanne), Catherine Kerbrat-Orecchioni (Universidade Lyon 2), Manfred Kienpointner (Universidade de Innsbrück), Céline Largier (Universidade Paris 3), Bruno Latour (Sciences-Po Paris), Véronique Magaud (Aix-en-Provence), Sacha Mandelcwaig (Universidade de Tecnologia de Troyes), Arnaud Mercier (LCP), Raphaël Micheli (Universidade de Lausanne), Sophie Moirand (Universidade Paris 3), Claire Oger (Universidade Paris 13), Eithan Orkibi (Universidade de Tel Aviv), Christian Plantin (CNRS, ICAR), Pierre-Yves Raccah (CNRS), Julienne Rennes (EHESS), Francisca Snoeck-Henkemans

(Universidade de Amsterdã), Véronique Traverso (CNRS, ICAR), Galia Yanoshevsky (Universidade de Bar Ilan).

De 2010 a 2012, as sessões do Ateliê de Argumentação foram exclusivamente dedicadas à discussão de diferentes verbetes do *Dicionário de Argumentação* de Christian Plantin, dicionário então em desenvolvimento e publicado em 2016. Durante este período, o ateliê foi coorganizado por Christian Plantin e por mim. E, finalmente, por várias razões, eu abandonei sua organização; mas, recentemente, fui levada a constatar que a situação de fato não havia realmente evoluído e que, na esfera francófona, os pesquisadores interessados pela argumentação quase sempre sofreram com o isolamento. E, agora, que tenho uma base institucional estável (sou, então, professora na Universidade Paris Cité, desde 2018), na verdade, eu quero relançar algo que lembra o ateliê de outrora – não custa nada reiniciar a máquina, e nós veremos se funciona de novo. É provável que o coorganize com dois jovens pesquisadores que são de orientação mais retórica que argumentativa; vamos lançá-lo em 2023.

Helcira Lima: Seu livro "*Le débat immobile. L'argumentation dans le débat médiatique sur les parasciences*", publicado há cerca de vinte anos, defende ideias muito importantes e muito atuais. Você poderia falar sobre a importância da articulação do discurso e do contradiscurso no cerne da argumentação hoje?

Marianne Doury: O que me impressiona hoje quando volto a este trabalho, retirado da minha tese, é até que ponto nele encontramos algumas linhas de investigação que eu continuei a explorar ao longo da minha carreira até hoje. O que eu entendi então – em parte sob a influência de Christian Plantin, quem coloca essa necessidade muito claramente em numerosos de seus trabalhos, em parte porque era para mim o meio para encontrar uma posição “salutar” em relação aos dados que eu estava tentando explicar – é que o objeto “natural” da argumentação é um objeto biface, integrando discurso e contradiscurso sobre uma questão em discussão, para usar a expressão de Plantin, cada um, sendo o analisador do outro. Na verdade, quando eu dei início ao projeto de estudar “o discurso das paraciências” (astrologia, parapsicologia, morfopsicologia, clarividência, telecinese, medicina alternativa etc.) para mostrar em que essas disciplinas/práticas “mimetizam” a ciência sem todavia sê-la, eu me dei conta, ao trabalhar com debates em torno desses temas, que uma tal perspectiva não me autorizaria a distinguir minha posição de analista do discurso dos adversários das paraciências, tal como eles eram levados a se expressar nos debates em questão. Eu evoluí, assim, de um projeto de pesquisa com objetivo valorativo sobre o discurso das paraciências para uma análise descritiva do *debate* sobre as paraciências – análise que não mais buscava distribuir os pontos bons e os ruins dos participantes

do debate, mas buscava entender o que cada campo “mostrou”. Esse questionamento me levou ao interesse pelas normas argumentativas, não como elas seriam colocadas e mobilizadas pelo analista para avaliar as argumentações dos locutores observados, mas como são justamente invocadas e exploradas por esses locutores para estabelecer a aceitabilidade de suas próprias argumentações, além de denunciar como falaciosas aquelas de seus adversários.

Esses três pontos – privilegiar objetos que integram discurso e contradiscurso, adotar uma perspectiva descritiva, buscar identificar a natureza e a função das normas argumentativas tal como elas aparecem nas trocas – estavam em formação (e até um pouco mais do que em germe) desde meu trabalho de doutorado, e estão, ainda, no centro de minha reflexão hoje.

Helcira Lima: Por que o confronto de posições antagônicas chamou sua atenção?

Marianne Doury: Essa é uma boa pergunta, na medida em que a argumentação não é necessariamente conflitual. No entanto, muito cedo fui atraída pelas argumentações fortemente agônicas, cuja dimensão polêmica é importante, mais que pelas argumentações essencialmente cooperativas, em que os participantes procuram examinar juntos uma questão, para nela encontrar uma resposta negociada. A este respeito, gostaria de dizer que é essencialmente uma questão de gosto – não que eu seja particularmente mal-humorada, mas o conflito, visto de fora, diverte-me e interessa-me; e, talvez, uma questão de época: retrospectivamente, percebo que nos anos 1990 – anos durante os quais realizei meu doutorado –, os programas de debate que faziam da oposição espetáculo eram muito numerosos e muito assistidos.

Helcira Lima: Além disso, sobre o material analisado em sua pesquisa anterior e na atual também, qual é sua posição sobre a importância da seleção de dados nas pesquisas sobre argumentação?

Marianne Doury: Ao longo dos anos, os dados sobre os quais trabalhei foram ora escolhidos por mim, ora “impostos”, em função de minha participação em programas coletivos de pesquisa, financiados ou não. Eu me dei conta de que sou realmente capaz de me interessar por quase todos os dados, desde que tenham um caráter argumentativo. Guardei, assim, uma boa lembrança de uma pesquisa coletiva a respeito de um debate sobre a renovação da central de tratamento de águas de Achères – um objeto espetacularmente de pouco glamour, mas que me levou a abordar questões fascinantes das quais eu nada sabia, e a trabalhar com dados discursivos que apresentam estratégias bastante interessantes. Quanto aos dados escolhidos “livremente”, às vezes pensei em recolhê-los para buscar responder a questões teóricas de

partida. Mas também é frequente ser fígada, na leitura de um artigo, em trocas na internet ou ao ouvir um programa de rádio ou televisão, e decidir tomá-lo como ponto de partida de uma pesquisa. Este foi o caso, por exemplo, do maravilhoso discurso de Nicolas Sarkozy sobre “maços de cigarros neutros”, em que ele desenvolveu uma argumentação tão inesperada que não poderia deixar passar – e percebo que uso o adjetivo “maravilhoso” para falar desse exemplo, que bem atesta o gosto muito profundo que tenho pelos dados sobre os quais trabalho, independentemente de sua profundidade intelectual ou solidez inferencial.

Helcira Lima: No número 15/2015 – “*Approches empiriques de l’argumentation*” – publicado na revista ADAR, você afirma que “Cabe, portanto, ao analista determinar, passo a passo, de acordo com os dados considerados, as problemáticas que eles levantam, o terreno em que se desenvolvem, as categorias que deverão ser mobilizadas para fazer funcionar a ‘chave argumentativa’ que permitirá acionar as engrenagens do discurso e de ‘fazer ver’ a construção da argumentação que o organiza”. Você poderia falar sobre a relação entre os dados e as categorias que deverão ser mobilizadas na análise da argumentação?

Marianne Doury: Novamente, esta é uma grande questão. Costumo dizer aos meus alunos que o analista da argumentação deve ser uma espécie de canivete suíço, no sentido de que deve ser multifuncional, e bom (idealmente) em realizar as múltiplas tarefas que deve realizar. De fato, para mim, o analista da argumentação deve verdadeiramente se envolver em uma análise do discurso argumentado: ele deve ser capaz de mobilizar as categorias da análise do discurso (porque o discurso argumentado é antes de tudo discurso), mais algumas categorias específicas da argumentação (já que se trata de um discurso *argumentado*). No entanto, realizar uma análise do discurso já é uma tarefa complexa, que exige importantes leituras; e é preciso acrescentar tudo o que pode trazer a exploração do paradigma abundante das pesquisas em argumentação. Todavia, esta ferramenta “ampla” é essencial para poder “ver” os fios que podem ser produtivos, e que por isso devem ser puxados, ao se inclinar sobre dados específicos. Às vezes, é a negociação do tipo de interação argumentativa entre os participantes que fará sentido (trata-se de uma deliberação? De uma negociação?), às vezes, é a questão argumentativa que é preciso responder (onde deve se situar o terceiro aeroporto parisiense? vs. é mesmo necessário um terceiro aeroporto parisiense?), às vezes é a construção de campos (a heterogeneidade enunciativa que surge nas trocas serve essencialmente para concluir alianças ou para desqualificar vozes opostas?); e, segundo a pista escolhida, ora é uma parte particular das ciências da linguagem que é preciso mobilizar – em articulação com a perspectiva argumentativa –, ora outra.

Helcira Lima: Na sua opinião, qual a importância de agrupar os diferentes argumentos em “tipos”?

Marianne Doury: Lembro-me, há muitos anos, de ter discutido com Daniel Schneiderman que se divertia ao ver-me relacionar trocas argumentativas a este ou aquele tipo de argumento: eu parecia, disse-me ele, um entomologista que fixa borboletas e ainda espera descobrir uma nova espécie. Além do prazer que realmente me dá o reconhecimento de certos “padrões” em dados linguageiros inicialmente complexos, “confusos”, e que de repente se tornam legíveis, a noção de tipo de argumento me parece apresentar a vantagem essencial de fazer decolar a análise da singularidade de um conteúdo, para uma forma mais geral. Essa abordagem permite identificar “lógicas” (ancoradas, apesar de tudo, na matéria linguageira) e, sobre essa base, efetuar conexões ou, ao contrário, identificar divergências entre diferentes discursos argumentativos. Sem esse aumento de generalidade, correríamos o risco de permanecer no nível das observações locais e singulares. Além disso, a noção de tipo de argumento está para mim, na linha de Walton, van Eemeren etc., estreitamente ligada à noção de questões críticas: uma argumentação não é recebida e não é criticada da mesma maneira, dependendo se ela vem do argumento de autoridade, do argumento pragmático pelas consequências ou por analogia. Identificar o tipo de argumento que revela uma argumentação permite prever e melhor reconhecer os modos de discussão de que ela é objeto nos dados – quando esses dados integram o discurso e o contradiscurso que ele suscita.

Helcira Lima: A análise da materialidade da linguagem é marcante em sua pesquisa. Você poderia falar sobre a importância da ênfase sobre as marcas linguísticas na análise dos tipos de argumentos?

Marianne Doury: Como sugeri anteriormente, é decisivamente meu trabalho no Cediscor e minha convivência com a equipe de Sophie Moirand que me levou a dar maior atenção às formas linguageiras da argumentação (mesmo se minha formação inicial estivesse bem ancorada nas ciências da linguagem, o que meus professores de Lyon nunca deixaram de me lembrar). Os mecanismos linguageiros pertinentes para a argumentação são múltiplos: tudo o que permite tratar da heterogeneidade enunciativa no cerne da argumentação é valioso; as escolhas lexicais que “encapsulam” pequenos programas argumentativos são relevantes; e as primeiras leituras essenciais para quem se interessa pela argumentação em uma perspectiva linguageira dizem respeito às “pequenas palavras/palavrinhas”: logo, porque, pois, já que, certamente... mas.... O que me interessou na questão mais específica da marcação linguageira dos tipos de argumentos é que ela leva a estender consideravelmente a noção de indicador argumentativo para além dos

conectores e operadores argumentativos, habitualmente identificados. Se os marcadores únicos de tipo de argumento são raros, os índices linguageiros associados de forma privilegiada a um argumento em detrimento de outro são múltiplos, de naturezas muito diversas e de produtividade variável. Assim, “não ser digno de ...” pode marcar um argumento *ad hominem* (*tu quoque* ou *circunstancial*) – mas o mesmo tipo de argumento também pode ser sinalizado por “é o camembert que diz a maroilles: ‘você fede’” (exemplo retirado de um comentário esportivo)¹ – os argumentos pragmáticos pelas consequências positivas ou negativas são marcados pela expressão da causalidade associada às axiologias correspondentes aos subtipos em questão etc. Para além do fato de que o interesse pelos marcadores de tipo de argumento abre um vasto campo de pesquisa ainda largamente subexplorado, os elementos que podemos reunir permitem consolidar as análises que produzimos de um discurso em termos de tipo de argumento, apoiando a leitura proposta em argumentos formais.

Helcira Lima: Há hoje um enorme interesse por estudos sobre o confronto de posições antagônicas, especialmente no discurso digital. Você tem novos projetos relacionados a este tema?

Marianne Doury: Por diversas vezes, trabalhei com dados extraídos da internet (comentários em páginas do Facebook ou em artigos de jornais online, por exemplo), mas não problematizei centralmente ainda o que o ambiente digital faz à argumentação (em termos de forma, mas também de conteúdo), embora eu tenha trabalhado em várias ocasiões sobre como um contrato de comunicação específico que poderia influenciar fortemente o que acontece nas trocas argumentativas “na vida real”. É um desejo real, que é contrariado pela minha péssima prática nas redes sociais, apesar de que eu gostaria muito de trabalhar com argumentação no *Twitter*, por exemplo. Este dispositivo me é tão pouco familiar que eu preferiria trabalhar em colaboração com algum colega ou alguma colega que seja especialista nele para refletir com segurança sobre o que essa plataforma de troca faz à argumentação.

Helcira Lima: Além disso, como você vê o papel do pesquisador da argumentação que se interessa pelo confronto de posições antagônicas em discursos digitais neste momento atual?

¹ Nota da tradutora: Tanto o queijo camembert quanto o maroilles são queijos considerados “fedidos”, por isso parece-me possível pensar que a expressão usada pela pesquisadora tem uma equivalente no Brasil que diz o seguinte: “o sujo falando do mal lavado”. Nesse contexto, um treinador ruim falando mal do outro (que também o é).

Marianne Doury: O interesse pelos discursos digitais está renovando consideravelmente as problemáticas no campo dos estudos da argumentação. Em particular, constata-se uma demanda premente por métodos de abordagem da argumentação que permitam identificar automaticamente, por meio de ferramentas computacionais adequadas, os posicionamentos e os suportes argumentativos dessas posições, a partir de dados digitais massivos – o que se denomina geralmente “mineração de argumentos”². Este questionamento é intelectualmente estimulante, na medida em que nos obriga a formalizar ao máximo o que entendemos das configurações argumentativas, e nos permite potencialmente “testar” os modelos assim construídos; mas não deve, de forma alguma, substituir outras abordagens e questionamentos, pelo motivo de que estes não podem ser automatizados.

Helcira Lima: Por fim, uma questão que nos parece inevitável à reflexão sobre argumentação. Na França, há uma tradição de estudos sobre argumentação. Considerando sua trajetória de pesquisa, em sua opinião, que papel a argumentação poderia desempenhar na formação inicial dos estudantes de um modo geral?

Marianne Doury: Há aqui dois elementos a distinguir, parece-me que: a formação em argumentação (no sentido de formação para a prática da argumentação, escrita ou oral), e a formação para análise da argumentação (atividade que podemos considerar ela própria como argumentativa, mas isso é outra questão).

Evidentemente, os estudantes se beneficiariam de serem formados em ambas as direções. Como estudantes primeiro, depois em sua vida posterior (ingressando ou não no meio acadêmico), e em todo caso como cidadãos, eles são e serão permanentemente levados a produzir argumentações – esta é muitas vezes a condição para fazer valer um ponto de vista, uma reivindicação, para manifestar seu apoio ou sua oposição, para mobilizar um interlocutor ou uma multidão sobre um determinado assunto. No entanto, essa competência argumentativa é muito pouco trabalhada como tal na escola, na faculdade, no ensino médio, e mesmo (e talvez menos ainda) na universidade – e quando o é, é o mais frequentemente realizada por formadores/treinadores que têm uma visão “selvagem” e nem sempre muito coerente sobre o que significa a argumentação.

Quanto à análise da argumentação, é ainda pior. No entanto, estamos diariamente em contato com discursos argumentados (da parte das mídias, claro, mas também dos nossos filhos que

² Nota da tradutora: a “mineração de argumentos” é uma área de pesquisa – Linguística Computacional e Ciência de dados – voltada à identificação automática de estruturas argumentativas em textos a partir da identificação dos componentes argumentativos e das relações entre eles.

encontram sempre bons motivos para jogar um pouco mais, dos nossos parceiros aos quais não faltam argumentos para justificar suas infidelidades, de nossos pais que são de uma criatividade infinita para nos levar telefonar para uma tia com a qual não falamos há tempos). Alguns destes discursos são, de certo modo, “transparentes”: nós compreendemos sem esforço como eles funcionam, vemos as implicações diversas, sabemos facilmente como frustrá-los se assim o desejarmos, ou podemos acessar a recomendação para a qual eles apontam se seu apoio nos parece convincente. Em muitos outros casos, só uma análise argumentativa sólida, vinculada a categorias claras, a uma metodologia rigorosa, permite ver isso com mais clareza, e o efeito de revelação que uma tal análise às vezes produz atesta o fato de que, sem esta “chave argumentativa”, trechos inteiros de discursos que nos cercam ficariam nas sombras.

Por fim, se me parece essencial aguçar nossa compreensão dos mecanismos argumentativos, é porque eles permitem fundamentalmente orquestrar a relação com a alteridade: argumentar é sustentar um discurso à luz de um contradiscurso, em relação ao qual nos situamos, ao qual concedemos certos pontos, dos quais refutamos outros. Em suma, argumentar nos obriga a estar “em sociedade”, o que me parece um programa valioso.

Referências

DOURY, Marianne. **Argumentation**. Analyser textes et discours. Paris: A. Colin, 2016.